

DOSSIÊ
HERMENÊUTICA.
RELIGIÃO NA PRODUÇÃO
E CRÍTICA DOS SENTIDOS

Apresentação do dossiê:

Hermenêutica: Religião na produção e crítica dos sentidos

Etienne Alfred Higuët

A hermenêutica desenvolveu-se como conjunto de métodos e técnicas para a interpretação de textos cujo significado era considerado obscuro ou de difícil acesso. Tratava-se, em primeiro lugar, de textos antigos, pertencendo a culturas distantes no tempo e/ou no espaço. A maioria desses textos era de natureza religiosa e, entre eles, o texto bíblico ocupa, desde as origens, um lugar de destaque. Com o tempo, a hermenêutica passou a ser aplicada à linguagem em geral, reconhecidamente metafórica e simbólica, e às ações humanas e acontecimentos históricos. Ela se tornou método apropriado para as ciências humanas e, entre elas, as ciências da religião.

Assim, a hermenêutica entende a religião como um grande texto desafiando a sagacidade do intérprete. Através do texto, o sagrado se dá como uma experiência de excesso de sentido, além da subjetividade e da linguagem humana, além dos limites da ontologia. A hermenêutica busca uma compreensão dessa experiência, especialmente pela leitura dos símbolos e dos mitos religiosos. Desse modo, a hermenêutica compreende a religião *a partir de dentro*, constituindo-se como pressuposto dos métodos que, como a semiótica, interpretam os signos a partir da sua estrutura linguística. Ela se apresenta enfim como complemento crítico para as ciências sociais da religião, que privilegiam as abordagens empíricas e quantitativas.

Apresentamos neste dossiê os textos de algumas das conferências oferecidas durante a XVII Semana de Estudos de Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Durante o evento, foi discutido o papel duplo da religião, seja na criação de sentido nas sociedades, seja na dominação das sociedades por meio dos seus símbolos. Foram abordadas as seguintes questões: Como as Ciências da Religião lidam com este elemento ambíguo da expressão religiosa? É possível, na

atualidade, resgatar o papel de criação do sentido nas religiões para além dos dogmatismos e dos fundamentalismos? Qual o papel de uma hermenêutica da religião em tempos de desconstrução em que relações sociais e de gênero são questionadas? Como avaliar criticamente o papel de geração de sentido na religião quando este potencial é apropriado por poderes coloniais para a legitimação de relações de dominação?

Os dois primeiros artigos retomam, em nova perspectiva, a linha tradicional da hermenêutica bíblica. Em *Hermenêutica bíblica: Refazendo caminhos*, José Ademar Kaefer afirma que a Bíblia contém Palavra sempre atual por causa da hermenêutica. O que é a Bíblia senão a reinterpretação de fatos do passado. Desse modo, a hermenêutica é uma ação constante na Bíblia, como também na vida e nas conclusões de seus leitores de qualquer tempo. Após o surgimento do Método Histórico Crítico, no princípio do século XX, muitos métodos e abordagens surgiram, a partir dele ou em reação a ele, o que revela a riqueza e o interesse que a Bíblia tem despertado. Nos rastros da hermenêutica latino-americana e caribenha, o ensaio apresenta um panorama desses métodos e abordagens, com suas contribuições e limitações. O texto apresenta, ainda, as recentes novidades e tendências do enfoque bíblico, como a teoria pós-colonial, o pluralismo religioso e as contribuições das últimas descobertas arqueológicas.

No artigo *Mito e Logos: Novos caminhos da hermenêutica na América latina*, César Carbullanca Nuñez aborda a questão do estatuto epistemológico do mito na racionalidade teológica latino-americana. Postula uma volta à imaginação mítico-poética dos textos, recuperando teologicamente a alteridade, a emergência do sentido teológico e o etos cultural que viu nascerem os relatos. Pretende-se, ao mesmo tempo, recuperar essa retirada da força cognitiva dos mitos e metáforas. Neste sentido é uma exegese que dialoga com a realidade latino-americana, compreendendo a sua articulação sistemática a partir de uma nova racionalidade, na qual o mito e a metáfora são considerados *textos internos* no fazer teológico. Para tal fim, são desenvolvidas as reflexões mítico-filosóficas de alguns filósofos e pensadores do século passado, tais como W. Benjamin, G. Agamben e J. María Arguedas, a fim de mostrar a possibilidade de uma vinculação mítico-filosófica. A partir do mito da criação pela palavra, mostra-se a essência linguística do ser humano e do cosmos; posteriormente desenvolve-se o conceito de fratura linguística na reflexão de Benjamin, Agamben e Arguedas no povo quéchua e mapuche.

Por sua vez, no artigo intitulado: *Grande transição para uma nova visão: Novos paradigmas como desafios para a religião no seu papel hermenêutico*, José Maria Vigil enfoca a “grande transição” que a humanidade está atravessando (principalmente no Ocidente), transição que inclui uma transformação da

consciência religiosa e a aquisição de uma nova visão. Numa primeira parte, o autor se detém na consideração da “novidade” desta “mudança de época”. Mas esta transformação é de natureza fundamentalmente epistemológica, e o autor a trata na sequência a partir do conceito-chave de “novos paradigmas”. Dentro da grande transformação do pensamento, procura identificar quais são os eixos principais, os núcleos mais fortes de transformação, e os encontra em quatro grandes “novos paradigmas”, que expõe sucessivamente de modo sucinto: o pluralista, o ecofeminista, o pós-religional e o pós-teísta. Tudo isso está focalizado e aplicado a partir da perspectiva da nova visão que a religião deve adotar com urgência se quiser ser cabalmente capaz de ajudar a humanidade a produzir novos sentidos, e na hora de avaliar os significados que já não fazem sentido para os homens e mulheres que participam desta nova visão. Finalmente, menciona-se especialmente o caso da teologia latino-americana da libertação.

Mary E. Hunt oferece o artigo: *Explorações teo-éticas feministas: Uma hermenêutica da alegria e da justiça*. Para a autora, viver com diferenças religiosas é uma tarefa primordial que o mundo não está realizando muito bem. Religião e justiça deveriam ter a ver uma com a outra; contudo, muitas vezes, não é o que acontece. O objetivo seria, então, modificar isso por duas razões: a maioria de nós encontra seus valores e modo de ser mais profundos na religião, seja confessional ou secular; a religião tem o poder de amplificar ações positivas ou de inflamar a negatividade, e isso precisa ser analisado e levado a sério. As apostas são muito altas para nos darmos ao luxo de ignorar a religião. Uma leitura feminista *queer* dessa situação é relevante porque são necessárias novas perspectivas para iluminar situações complexas. Poderíamos chegar a melhores resultados ao usar uma hermenêutica da alegria e da justiça.

Os dois últimos textos tratam da presença da hermenêutica nas ciências sociais da religião. Em primeiro lugar, a proposta do artigo de Elisa Rodrigues: *As Ciências Sociais da Religião como Ciências da Interpretação*, é discutir a propriedade hermenêutica das Ciências Sociais da Religião, com base no entendimento que seu objeto, o fenômeno religioso, transita pelas esferas sociais que compõem a vida em comunidade articulando sentidos e mobilizando disposições que terão influência na vida privada e na vida pública dos sujeitos religiosos. Neste sentido, compreender o fenômeno religioso requer emancipá-lo dos marcos teóricos e metodológicos que o analisam apenas como derivação do social, do econômico e do político. A autora propõe que o fenômeno religioso requer compreensão que considere a experiência religiosa, nos termos de quem a vivencia com especial atenção às práticas rituais e à fluidez das identidades religiosas.

Refletindo também sobre as Ciências da Religião como ciências da interpretação, Dario Paulo Barrera Rivera foca a sua atenção em conceitos de três autores das ciências sociais que se debruçaram sobre a questão da interpretação do mundo e a ação sobre o mundo. No artigo intitulado *Estruturas e teias de significado: “Habitus” e “cultura” nas Ciências da Religião*, o autor recorre ao conceito de “habitus” em Bourdieu, ao conceito de “cultura” em Geertz e à base teórica pioneira proposta por Durkheim, especialmente, seu conceito de “representações sociais”. O artigo coloca o desafio da complementaridade desses conceitos e teorias no estudo das religiões contemporâneas.

Desejamos a todas e a todos uma leitura criativa e inventiva dos artigos do dossiê, já que para a hermenêutica, a recepção participa da produção do texto: toda nova leitura atenta produz assim um novo texto, revelando novas conotações que podem ter escapado ao próprio autor.